

*Conversações 'Lá' Fotografia*Fábio Gatti <sup>3</sup>*ideologia, eu quero uma pra viver.**Cazuza e Frejáf*

Era uma manhã leitosa. A luz estava difusa, o clima sutil e o vento oriundo do leste. Esperava-se por uma boa foto, porém o obturador foi incapaz de manter quaisquer velocidades hábeis o suficiente para perceber e gerar imagneticamente a cena ocorrida ali. Desse encontro restou apenas a ata não assinada das conversações sobre a imagem fotográfica. Tem-se a comprovação deste encontro em um livro bastante antigo e raro, intitulado "Discursos da Imaginação", cujo autor jamais foi descoberto; tampouco outro exemplar desta publicação foi visto. O questionável é saber o limite - se é que ele existe - entre a Realidade e a Ficção e a existência de um Lugar e da Interpretação, todas como entidades fixas ou cambiáveis. Resta-nos verificar, nas linhas que se seguem, algo vago ou preciso sobre a fotografia. A conversa entre estas quatro entidades nos dará subsídios para pensar a imagem.

Narrador: O encontro deveria ter se iniciado às cinco horas e quarenta e cinco minutos do horário celestial. Houve um atraso porque Realidade não sabia mais onde estava. Já se encontravam a postos Ficção, Interpretação e Lugar. Este dava sempre sinais de sua onipresença, pois em certos momentos suas palavras eram ouvidas após longas pausas. Era sua contínua e ininterrupta necessidade de concentração. Quando Realidade chegou, Ficção se pôs a rir desenfreadamente e, já com dores de facção, não conseguia conter sua inexplicável felicidade. Ignorando o fato, todos preferiram iniciar com as conversações. Já passam das sete horas. Nenhuma palavra foi dita antes da presença de todos. O que existiu na tela do cronômetro de registro de atrasos foi uma sucessão de números sem zeros posteriores ou anteriores.

Realidade: Primeiramente desculpem-me pelo atraso, mas errei o caminho após este novo advento tecnológico. Hoje em dia me perco muito mais facilmente. Mas o que seria de mim sem a dúvida? Pior de tudo é saber que esse mundo-imagem possui a terrível promessa de sobreviver a todos nós (SONTAG, 2004, p.22).

---

<sup>3</sup> Doutorando em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Especialista em História e Teorias da Arte e em Fotografia, ambas pela Universidade Estadual de Londrina. Bacharel em Desenho Industrial pela Universidade Norte do Paraná.

Ficção: Não creio nisso como algo ruim. Pense você, com seus botões – que não são pequenos –, quanto da vida você possui. Por anos me questionei sobre seu posicionamento neste mundo, principalmente quando estive ao meu lado. Engraçado é integrar esta transformação dos meios fotográficos. Ao contrário de você, Realidade, sinto-me muito à vontade em transitar entre existir e enganar. Mesmo porque, devemos pensar “que a fotografia não mente, mas os fotógrafos decididamente sim” (FONTCUBERTA, 2010. p.10).

Realidade: É óbvio que tal sobrevivência das imagens não é ruim, o único problema é permanecerem mais do que eu. Lembra-se do que houve com Verdade? Até hoje está acamada. Quase morta. Por isso nem compareceu.

Interpretação: A dúvida jamais foi uma conquista sua, Realidade. Não jogue com argumentos alheios. Pelo menos conseguiu admitir seu medo de ser menos durável que a própria fotografia. Essa honestidade assusta quando vinda de você! Sua personalidade é marcada pela febre. Nosso mundo se modificou completamente. O que outrora possuía contornos definidos, atualmente é mistura. A busca de vocês, contrariamente à minha, é definir, demarcar, protocolar. É um desejo pelo fixo. Cuidado! Assistimos ao exemplo de Verdade. Seu câncer foi querer estar acima de tudo e de todos. A moléstia de si é a única cura possível. Eu estive sempre de prontidão quanto à audácia. Alegro-me ao perceber sua consciência sobre a mentira, Ficção. Assim como mentir está no homem, também todas as outras necessidades e conceitos. O objeto é sempre ele próprio até intervirmos com nosso olhar. A subjetividade é a mãe de todas as interpretações.

Realidade: Você fala como se não buscasse a verdade!

Interpretação: Busco compreender a presença de múltiplas verdades, sempre em minúsculo! Nunca estive de mãos dadas com Verdade como você! Sempre soube de suas pretensões para comigo. Está ao meu lado quando lhe convém, ou pensa que não enxergo? Lembre-se sempre do exemplo de Kant sobre o belo! Este nunca está no objeto, mas sim no sujeito que o vê. Assim é também a verdade. Assim também sou eu!

Lugar: Ao ouvir tudo isso, me ponho a pensar... Sabem como é complicado pra mim uma tarefa dessas... Desculpem as pausas, mas elas são infundáveis. Tento concentrar-me eternamente, mas existo aqui, lá, ali e acolá simultaneamente. Daí minha dificuldade em ser e estar... Fui eu quem direcionou o olhar de vocês para pensar este conjunto de quatro jogos de fotografias. É possível notar a coexistência de lugares

distintos e análogos. Tudo é lugar. Sou “espaço ocupado; ponto de observação; povoado, localidade; cargo; posto; ordem; sítio; local; trecho ou passo de um livro; circunstâncias especiais de alguém; destino.” (FERNANDES, LUFT e GUIMARÃES, 1991).

Ficção: Ah, Interpretação, você também é uma mentira!

Interpretação: Sou sim, desde que a mentira seja uma verdade para quem mente! Está difícil compreender meu caráter múltiplo? Esse é o problema para aqueles que ignoram a diferença! “Interpretar é uma tal forma de conhecimento em que, por um lado, receptividade e atividade são indissociáveis e, pelo outro, o conhecimento é uma forma e o cognoscente é uma pessoa. [...] interpretar é captar, compreender, agarrar, penetrar.” (PAREYSON, 1993. p.172)

Realidade: Então fixemo-nos neste conjunto de imagens. Nada mais são do que representações de espaços e coisas reais. Eu estou neles, ou melhor, eles só o são porque eu existo!

Interpretação: Sua pretensão é o pior dos hábitos!

Ficção: Eu também estou ali, veem? Sou as cores, sou o onírico, sou até mesmo um lugar-tenente!

Lugar: Tudo o que dissestes, eu quem o sou! Exceto pelo lugar-tenente, o deixo para ti. Não sou provisório e nem tomo o lugar de outrem. Por isso você usa o véu, pensa esconderes seu rosto, mas todos sabem de ti, Ficção!..... Observo em vocês, Realidade e Ficção, um pensamento ainda muito atrelado à forma... Releiam Allan Kaprow, quando fala sobre Pollock e entendam que “é necessário se livrar da idéia usual de ‘Forma’, i.e., como começo, meio e fim, ou qualquer variante desse princípio – tal como a fragmentação.” (FERREIRA e COTRIM [Orgs], 2009. p.41)... Aqui a pintura é de luz! Pensem na forma pareysoniana, orgânica, mutante, formativa...



Interpretação: Sou contigo, Lugar. Entendo sua postura e concordo com seus conceitos. Lutamos com base em ideais irmãos. Nesse conjunto de fotografias posso ser qualquer coisa, mas não posso ignorar a sua presença. Você é e está marcadamente presente no passeio do casal pela floresta, na ave defunta que ainda

abre sua asa, na praia esverdeada, nas casas-miragens, no céu azul de Klein sujo pela nuvem, no negrume rasgado pela luz, no desejo da boca, no entrelaçamento das pernas, no sexo e no corpo; nas planícies ora defumadas, ora contornadas pela eletricidade da qual os homens se honram, ora majestosa pela ação da natureza e dos



fenômenos físicos da luz que constroem o arco-íris. Onde será o início e o fim dele? Onde está o seu começo, o seu meio e o seu fim, Lugar? Você é como a formatividade escrita e pensada por Pareyson! Eu mantenho meus laços com a imaginação, pois sei que “transportados pela imaginação (efetiva) nós obtemos vida, aquela mesma vida que é a própria obra absoluta” (KLEIN *apud* FERREIRA e COTRIM [Orgs], 2009. p.64)

Realidade: Percebes como descreves as coisas em seus aspectos reais?

Interpretação: Você é tão rígida que não compreende a moleza. Não serei eu a ensinar-te. Perceba você o quanto as coisas estão fora de ti! Não seja tola. Exorto-te há anos sobre isto e muito mais, em vão.

Ficção: Infelizmente meu fardo é estar ao seu lado, Realidade. Mas eu apreendo os conceitos e necessidades sobre os quais Interpretação e Lugar dizem. Hoje em dia inexistem entre nós quaisquer limites, somos praticamente a mesma entidade, como a doença contemporânea da bipolaridade. A diferença entre nós é sua prepotência! O tal paradigma nos tornou siamesas. Saiba que “toda fotografia é uma ficção que se apresenta como verdadeira” (FONTCUBERTA, 2009. p.14). Eu, e somente eu,

me encontrei com o Oráculo. Ele apenas me lançou a questão: qual a diferença entre verdade e mentira? Agora, vivendo contigo, sei menos ainda a resposta. O zero como lugar-tenente expandiu-se à fotografia digital. Ele é o meio entre o um positivo e o um negativo. Meio não apenas por estar entre eles, mas por levar de um ao outro e vice-versa. Você, Realidade, ainda não enxergou que o nosso meio é oferecido pela Interpretação. Você ainda é por demais bressoniana. Que instante?! Estas fotografias oferecem a possibilidade de adentrá-las por diversas beiradas, não precisam de instantes. Eu prefiro estar no ar, na água, no escuro, sempre atrás do véu. Você, sempre se exibindo.

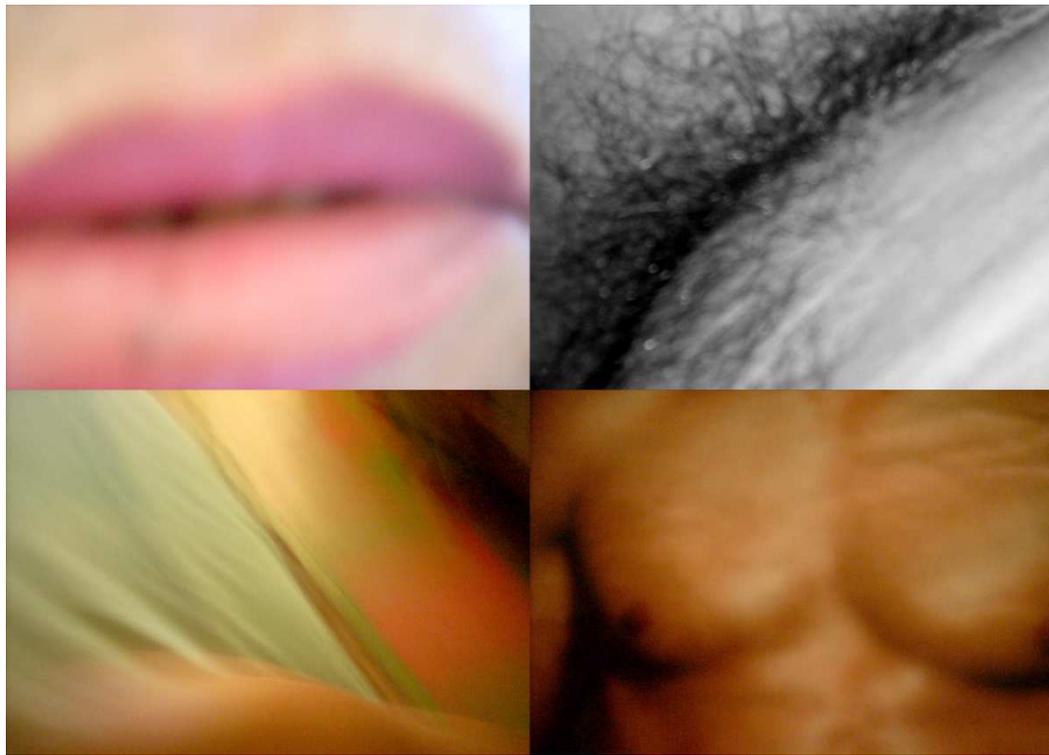
Lugar: Dobro minha coluna e flexiono meus joelhos a ti, Ficção. O problema mais geral é a fixação do homem por algo conhecido, já visto... O martírio desses descendentes de Prometeu é não usar o fogo corretamente... Ao restar-lhes a esperança na Caixa de Pandora, ainda esperam reter o mundo... Disso você deveria vangloriar-se, Realidade, sua fotografia jamais existirá e, sendo assim, no mundo de hoje, não ser fotografado significa inexistir. Perdoe-me a franqueza e a crueza dessa informação... Ao contrário de ti, quem realizou este conjunto de imagens sempre existirá, pois se “fotografo, logo existo” (*idem*, 2010. p.17). Elas, as participantes do trabalho existem sim e não lhe deram oportunidade de florescer nua em suas imagens. Falam mais de sua subjetividade, permitem-se ver e experimentar... Além do mais, Beuys disse certa vez, que todos são seres de criatividade. Prefiro não discordar!



Realidade: Eu indico tudo na imagem. Não percebem os índices? Os referenciais? A representação? Indico até mesmo o lugar!

Interpretação: Você não poderia indicar tudo, porque a câmera vê além do olho. Existem contornos para ti indefinidos. A fotografia proporciona modificar, inventar o mundo e não retê-lo! Sei da dificuldade em aceitar tua nova condição dentro da

imagem, mas deverias tentar ao invés de manter-te estática no eco de seu passado. Muda-te pra cá, conosco! Sabes que precisamos de ti, mas não de tua febril arrogância. Abandone o 'lápiz da natureza'. Veja que até mesmo o mundo quando fotografado não é mais mundo; quando uma pessoa é fotografada não é mais pessoa, contudo quem fez a imagem continua a ser quem a fez. Esse lugar é insubstituível. Não ovaciono a autoria, entenda bem, mas sim o lugar de ser no mundo.



Narrador: As conversações foram além deste ponto, pois logo se deturpou o foco principal. Fica-me a impressão das fotografias como lugar de todas as entidades e tantas outras possibilidades derivadas daqueles que porventura venham a observá-las. Dos quatro pontos cardinais, mais o ponto onde você está, tem-se a ideia de poder chegar lá. “Ao *lá*, em português, dispensado de ser o aqui do outro, ficou reservada uma distância que é, e ao mesmo tempo não é, indicativa. *Lá* pode ser um lugar determinado, mas também é, simultaneamente e sempre, um lugar incerto, todo ou nenhum lugar, uma distância física e imaginária, um lugar solto e sozinho no espaço e também no tempo” (Jaffe, 2010. p.67). Onde está o *Lá* fotográfico?

#### Bibliografia:

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro e GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Globo, 1991.

FONTCUBERTA, Joan. *El Beso de Judas. Fotografía y verdad*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2009.

\_\_\_\_\_. *La cámara de pandora. La fotografi@ después de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2010.

JAFFE, Noemi. Lá. In: *Revista Serrote*. n.07. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010. pp.67-69.

KAPROW, Allan. *O legado de Jackson Pollock*. In: FERREIRA, Gloria e COTRIM, Cecilia. *Escritos de Artistas. Anos 60/70*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. pp.37-45.

KLEIN, Yves. *Manifesto do Hotel Chelsea*. In: FERREIRA, Gloria e COTRIM, Cecilia. *Escritos de Artistas. Anos 60/70*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. pp.58-66.

PAREYSON, Luigi. *Estética. Teoria da Formatividade*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1993.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.